12 PAGINAS — NUMERO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O nove de Abril

O nove de Abril foi a grande pagina escrita a sangue português na horrivel guerra europeia. Evocá-la neste momento com religioso respeito pelos que morreram por nós todos, é o dever sagrado dos que sentem amôr pelo torrão em que nasceram e pela gente que os rodeia.

O DOMINGO ilustrado
ANO I N.º 12
LISBOA 5 DE ABRIL DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA—EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua!

CARTA Á PRIMA VÉRA

Priminha . . .
Tenho visto nos jornaes
o seu glorioso nome repetido
em artigo e versos triumphaes
que me róem o bicho do ouvido.

Não ha quem não exalte e não proclame
o seu sorriso, os seus olhitos vivos . . .
Até os que, não tendo outro reclame,
se lembram de impingir depurativos.

Qualquer articulista sem assumpto
a cobre de adjectivos e de louro,
— emquanto engóle uns ovos com presunto
n'uma meza infeliz do Leão d'Ouro;

e, com todos os verbos inflamados,
no palavrório rabiscado á pressa,
esquece em successivos linguados
a pescada que esfria na travessa.

* * *

O que eu lhe juro, sem forçar a rima,
é que me custa ver lançado ás féras
o lindo coração da minha prima,
que para mais é prima . . . das de véras!

Eu bem sei que as promessas que me fez,
a mim e a muito misero mortal,
sepultas na mansão do «era uma vez»
jazem n'um somno eterno e sepulchral . . .

E a prova, a prova disto,—(Ai que arrepio!
Espere. Vou buscar um cobertor.)
E' que o mundo só viu vagas de frio
'stando á espera de vagas . . . de calor.

Eu bem sei,—nas escólas o aprendi;
que o saiba, pois, não é favor nenhum;—
que são chamados primos entre si
os que não têm um divisor commum . . .

Mas mesmo assim, a sua crueldade
fere de morte as nossas illusões!
Queriamos . . . a gloria, a claridade . . .
E a prima só nos deu . . . constipações.

Queriamos delicias sobrehumanas
no rythmo da ambição, que nos alteia.
Em vez de nectar só nos deu . . . tisanas,
e xaropes sarcasticos . . . de althéa.

Queriamos sonhar gloriosamente
embora o sonho nos levasse á campa . . .
Mas a prima acordou-nos cruelmente
e em vez do sonho só nos deu . . . co'a tampa.

Em vão procuraremos outros soes?
Nem um dia teremos Prima Vera
quando os nossos vizinhos hespanhoes
todo o ano têm Primo de Rivera?

Prima . . . Eu perdôo-lhe a desillusão,
que o perdão fica bem em taes extremos.
Cá ficamos á espera do verão,
porque elle diz «verão»; e nós . . . verêmos!

Aqui me tem, mettido nas encolhas
depois do desabafo a que me atrêvo . . .
Suponha trêvo ideal, de quatro folhas,
as folhas de papel em que lhe escrêvo.

TAÇO

NO TALHO

—O senhor ainda tem coração?
—Tenho, sim, menina . . . mas fale mais baixo, que a minha mulher é muito ciumenta! . . .

questão prévia

O coração do país está batendo um comovido minuto de anciedade. Nas arterias da nação o sangue acelera-se em movimentos desordenados. Os globulos rubros, em tropel, como a cavalaria da Guarda Republicana em dia de manifestação cêgêtista, levam diante da sua impetuosidade os mais exaltados microbios que nos circulam nas veias. Os proprios globulos brancos empalidecem e nas aortas vai um reboliço enorme, com os aneurismas a trasbordar e os feixes nervosos da visinhança a vibrar, como cordas de guitarra. Aos labios, que a comoção devora, sobe a pergunta decisiva:

—Fecha ou não fecha?

Já o leitor arguto, que participa da comoção geral, terá percebido que este nervosismo ancioso, que percorre o país de cima a baixo, é provocado pela expectativa em que nos trazem os parlamentares (pelo menos até á hora em que estou escrevendo) que ainda não resolveram se hão-de ir para casa, dando por findos os respectivos mandatos ou se, excedendo atribuições prorogativas, hão-de decidir que a orgia palreira se prolongue por mais uns mezes, até que vejam o fundo ao cabaz das inutilidades.

Seria faltar á verdade não reconhecer que o país está ancioso por que os senhores parlamentares decidam — ir-se embora como um só homem.

* * *

O desastre do «Breguet 13», participando daquela regra geral que afirma que *à quelque chose malheur est bon*, fez convergir a atenção do publico para uma classe, entre nós ignorada e obscura, dos trabalhadores da pena que ao jornalismo oferecem em holocausto ambições de renome e gloria literaria, consumindo sonhos e energias na tarefa ingrata de coscovilhar por conta e por regalo da curiosidade publica os mil pequeninos nadas de que é feita e tecida diariamente a vida da cidade: homicidios, incendios, conferencias, chegada de turistas, desordens com ou sem facadas, boatos de revolução e planos financeiros, crianças abandonadas e exposições de pintura.

O publico que paga o seu exemplar e que depois de se refastelar com o noticiario acaba sempre por declarar, abandonando o periodico, que «estes diabos dos jornaes não trazem nada que lêr», esse publico, que vive longe e alheado de quem lhe fabrica a noticia, a entrevista e o artigo, forma das redacções e dos jornalistas um conceito fantasioso, que nem de leve coincide com a verdade.

Ao grande publico, que dos jornaes só conhece os edificios e os *guichets* da administração, as redacções aparecem-lhe como centros de fumo e discussão, meio cenaculo, de boemia à Musger, meio cervejarias filosoficas de Heidelberg, em que numerosos rapazes de guedelha crescida e *verve* facil falam de mulheres e literatura, fazendo paradoxos e noticias com a mesma semcerimonia. Na crença, peculiar a quantos não arredondam um periodo de tres linhas, de que isto de escrever é coisa que se faz com uma perna ás costas, a grande maioria dos leitores desconhece o inferno das redacções, o trabalho de encher em poucas horas colunas e colunas, sem falhar uma noticia, sem falsear um pormenor. Nessas salas, que tantos supõem ruidosas de cavaqueira, ha por vezes minutos de silencio profundo, em que as cabeças se não erguem de sobre o papel e que só as passadas subtis do chefe da tipografia perturbam, indo de mêsa para mêsa a recolher os quartos de papel já escritos, ha insaciedade perene de original.

A vida do jornalista é esta tortura de todos os dias e de todas as noites: vêr, ouvir e contar. Na paz, como na guerra, na cidade ou no campo, na terra ou no espaço, o jornalista só pensa em vêr, em sentir para transmitir os factos e as emoções ao publico, que o ignora, quando não o despreza.

O jornalista Mario Graça, sangrando entre os destroços do «Breguet 13» deve ter-te feito considerar, leitor amigo, que os tres tostões, que dás pelo teu jornal, são bem ganhos e bem merecidos.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

REALISARAM-SE os vaticinios; no primeiro escrutinio eleitoral foi o dr. Jarrés, candidato das direitas, quem reuniu o maior numero de votos para ir ocupar a presidencia do «Reich», e teria tido provavelmente a maioria absoluta se a extrema direita, os pan-germanistas, não tivessem teimado em votar no seu «super-homem», Ludendorff.

Era o que se previa . . .

Todavia até á votação final talvez as coisas se mudem, e um «tertius gaudet», de psycologia e actividade apagadas, vença, como é costume e uso em taes eleições.

* * *

Porque o dr. Jarrés é em tudo bem diferente do seu antecessor, o falecido presidente Ebert.

Tem um modo de pensar seu, caracteristico, e cheio de energia. Tem opiniões, que procura impôr. Tem actividade de luctador . . .

E não tem as simpatias das potencias inimigas da Alemanha.

E' um homem das direitas, e bem que não atire para a frente com o espectro da monarquia imperial—pelo contrario, até diz que não é o momento de se tratar d'isso — permitte bem que se diga vir ele a ser o ultimo presidente do Reich.

Podem esses profetas enganarem-se; mas não deixam de ter elementos para assim lerem no futuro . . .

* * *

E para se desvendar um pouco mais o veu do futuro, esclareçamos que todos os candidatos á presidencia da Alemanha teem manifestado a necessidade de se rever, mais ou menos, o tratado de Versailles.

* * *

Quanto ao futuro fóra das fronteiras germanicas, tem-se falado na possibilidade duma ofensiva «sovietica», para a proxima primavera, tendo como foco de partida a Macedonia, e como centro onde se trabalha e intriga em ebulição Viena de Austria e Athenas.

Isto se diz; mas a verdade é que estamos habituados a estas profecias, que em breve se desfazem entre as nuvens do oriente.

* * *

A esta hora atravessa os oceanos o Principe de Gales, como embaixador imperial a todo o mundo inglês.

E as praias distantes vendo aquela nau, a cujo bordo viaja o joven e loiro descendente dos reis de Inglaterra, sonham no prestigio desse grande povo, a esta hora o unico da Europa que pode olhar tranquilamente para esse futuro sobre que tantos vaticinios se fazem . . .

A. ROCHA PEIXOTO

Expediente

Pedimos aos nossos agentes a fineza de nos enviarem com a brevidade qossivel a nota da liquidação dos mezes em atrazo em virtude de se estar procedendo ao apuro de contas do 1.º trimestre.

écos

O «Breguet» 13, como uma asa ferida de morte, veio despedaçar-se sobre a terra dura.

O Breguet 15, glorioso e livre, seguiu a rota altissima dos condores. Para que uma fragil carcassa, de aluminio e pano, vôe, por fim, socegada na tranquilidade imensa dos ceus — que montão sem fim de cadaveres ficam sobre a terra!

CREOU-SE ha tempo um imposto de 7% sobre a venda de obras de arte. Segundo o espirito da lei esse imposto taxava o bric-á-brac, com o qual se fizeram grandes fortunas, e o seu producto destinava-se á acquisição de obras de arte.

Nada mais legitimo nem mais louvavel. Hoje, porem, o imposto é cobrado nas exposições dos artistas e o seu producto serve para engordar o Estado na pessoa de alguns funcionarios.

Tendo sido uma preocupação da Republica a proteção aos artistas e ás Belas Artes, mal se comprehende a execução de tão odioso imposto.

POR muito insignificante que seja a importancia dum nome, a verdade é que um apelido é muitas vezes conprometedor. Um influente politico e radical conhecido, chama-se «Nozes». Alem do sargento Marmelada, apareceu em audazes trapalhadas politicas o sr. tenente Lata, e finalmente, um dos deputados que mais fala é o sr. Barriga . . .

O Muzeu de Belas Artes do Porto encontra-se ha longos mezes fechado por falta de verba para pagar aos continuos. O Muzeu de Belas Artes de Lisboa está fechado ha anos para obras. Positivamente não ha segundo paiz da Europa em que tantas mizerias se exibam e tanto desprezo haja pelo prestigio da administração publica.

MORREU o nosso camarada Mario Graça em virtude dum desastre sofrido ao cumprir a sua missão de jornalista. E' a primeira vez crêmos, que se dá um facto desta natureza nos anais do jornalismo português.

Curvando-nos perante a memoria honrada de Mario Graça, honesto e correcto trabalhador da Imprensa, enviamos daqui a expressão da nossa magua aos seus desolados colegas de «O Seculo», e a sua familia — e registamos com desvanecido orgulho o sacrificio dessa vida em flôr a uma profissão tão ingrata como atraente e efemera.

O nosso jornal fez-se representar nos funeraes pelo nosso colega Adolfo de Castro.

ENTRE as muitas felicitações que ainda nos chegam, não podemos deixar de registar as carinhosas palavras do nosso brilhante colega os «Echos da Avenida» que ha tanto tempo se mantêem numa impecavel linha de conducta que honra a imprensa portuguesa. São sempre gratos os incentivos de pessoas de mais edade — e nesse afecto como em tantos os «Echos da Avenida» são os primeiros

NO MUSEU

—Esta armadura é de Edade Media?
—Não senhor, é de aço polido.

«POEMAS», de Ruy de Gil (Lisboa, 1924)

Ruy de Gil, um dos melhores e mais categorizados amigos de «O Domingo Ilustrado», que assiduamente honra com a sua colaboração sempre reveladora duma nitida visão critica, deve perdoar-me a demora em agradecer a oferta dos seus «Poemas».

Conhecendo já o poeta dos «Sonetos» e dos «Cantares» — dois livros irmãos gémeos dos «Poemas», porque todos nasceram para o público, na mesma hora feliz, eu sabia que os seus versos são dos que não devem ler-se num momento qualquer, sujeitos ao acaso duma qualquer hora apagada e indiferente. Esperei, portanto, a hora favorável, apezar de já ter saciado a pura curiosidade que me levou apenas a saber que nos «Poemas» havia sonoras cadências, ritmos faceis, palavras aladas onde transparecia a preocupação da forma e do rigor técnico.

Não me arrependi de ter esperado, porque não tardou muito o instante de conseguir ver mais fundo nêsse lago dormente onde só descobrira quietitudes estilizadas, extases longiquos que era penoso interromper. Não tardou muito o instante em que li com emoção com acolhimento, êsses «Poemas», onde já me pareceu facil descobrir uma verdadeira alma de poeta, anciosa de espanção e de simpática comunicabilidade, já proxima do avaro segredo de beleza que só os eleitos encontram.

«MEMORIAS DE EDUARDO BRAZÃO» — Compiladas por Eduardo Brazão, Filho — (Lisboa, 1925).

O grande público, o anónimo juís que tantas vezes exaltou o talento histriónico de Eduardo Brazão, teve agora um bom pretexto para tornar a dar-lhe palmas, com a mesma expontaniedade de sempre. Numa semana o grande público fez exgotar a primeira edição dum livro que se intitula «Memorias de Eduardo Brazão».

Todos os episodios marcantes na vida artistica do glorioso actor ficaram arquivados nas paginas desse livro que fez acordar muitas saudades adormecidas e talvez dê maior alento a algumas esperanças titubeantes. Pode ser uma proveitosa lição, e é sempre um estimulo, a historia duma vida que triunfou.

É digno de simpatia o inglorio trabalho do compilador das «Memorias», cujo natural alvoroço de assumir, em tão leves anos, tão pesada responsabilidade, justifica a desconexão e a falta de serenidade na preocupação literaria, que um censor imparcial não pode deixar de reconhecer como sendo os unicos pontos fracos dessas paginas interessantissimas, e até mesmo valiosas, sob todos os restantes pontos de vista.

Tereza LEITÃO DE BARROS

A BAIXA DO FRANCO

— Oh! filho — tu sabes que eu sou muito franco...
— Ela: Por isso o franco está tão baixo...

Crónica alegre

TESTAMENTO

QUANDO ha dias o alfaiate me disse que um fato (por ser para mim) não me custava mais de um conto e oitocentos nem menos que mil e oito centos escudos, senti um não sei quê de extranho que se me alapardou no esofago e creio que perdi os sentidos não indo a coisa mais por diante porque alma caridosa me esfregou a testa com vinagre e prometeu-me um colete em segunda mão, mas ainda em muito bom estado para transformar num par de calças.

Ha dois dias tive outro ameaço de desaparecimento precoce quando ao jantar o creado me apresentou uma conta de duzentos mil reis correspon-

dente a uma sôpa simulada e um peixe de avançada edade. Fui ao medico que, depois, de ouvir o que eu dizia por dentro, fez uma careta significativa e diagnosticou que o meu mal era uma fraqueza monetaria adiantadissima, sem esperança de cura e com grandes probabilidades de estoiro imprevisto.

Receioso pois que a morte venha apagar a minha existencia sem eu ter tempo de dizer boa noite, aproveitei este momento lucido para escrever as minhas ultimas vontades que são bem poucas:

* * *

Nunca fiz mal a ninguem. Comi sempre o pão ganho com suor da caneta e, por não ter nascido rico nem fadado para apanhar a sorte grande, não tenho um tostão de meu, facto que aos leitores não interessa e a mim tambem não.

Podia em menino ter aprendido o oficio de fazedor de botas de coiro mas como vim ao mundo aleijadinho dos miolos só tenho feito botas de prosa.

Por isso de bens imoveis não deixo nada porque mal tive tempo para ganhar o que era obrigado a gastar. De bens moveis é que tenho alguma coisa como passo a relacionar:

A minha cadeira de duas pernas desejo que seja entregue ao Museu de Arte Antiga, para d'aqui a setecentos anos os archeologos poderem dizer asneiras sobre os equilibrios no seculo XX.

A secretaria de otimo pinho pin'ado lego-a a qualquer visinha que não tenha com que acender o fogareiro.

A minha caneta «A. W. Faber» deixo-a ao meu merceeiro para que ele escreva sobre a soma da minha divida a seguinte frase: «Falecido. Raios o partam!»

Os meus folhetins, cronicas, comedias, novelas, revistas e mais material, deixo tudo aos meus colegas literatos que costumam prégar prometimentos de grandes manifestações de arte.

Um fato todo sem fundilhos, incolor quatrivirado duas vezes por ano, lego-o a todos os que andem apregoando basofias e vaidades, quasi sempre sem vintem na algibeira e os pés em contacto directo com as pedras das ruas.

Um caixote cheio de versos, retratos, flores secas, cartas d'amor, promessas e mais barbaridades de ordem amorosa, deixo-o aos rapazes da futura geração para que caiam nas mesmas asneiras em que eu cahi, façam as mesmas figuras que fiz e aprendam á custa propria que o coração é um orgão que quando o desafinam nunca mais tem concerto.

Um cesto repleto de ilusões, algumas ainda em muito bom uso, cedo-o ás pessoas que me julgaram a pessôa mais feliz do mundo e afiançaram que levei uma vida muito catita.

Duas malas com cautelas de penhores, dou-as de presente a todos os que me maçaram com subscrições, artigos sem remuneração, banquetes de homenagem e pedidos de dinheiro emprestado.

A minha sensibilidade requintada, o meu temperamento artistico, a minha alma superior, os meus dotes de talento, légo tudo ás pessoas que me ofereceram livros com dedicatorias.

Ambições não deixo porque não tive vagar para as crear.

O meu esqueleto quero que seja distribuido por todos os que me sugaram com invejas sem razão e empregaram o tempo a dizer coisas a meu respeito.

E apoz trinta anos de vida, sentindo a morte a dizer-me: «— Anda d'ahi ó simpatico!» nada mais tenho a declarar, pelo que encerro este testamento, desejando que ele sirva de exemplo a quantos andam por cá aos trambulhões.

HENRIQUE ROLDÃO

Acacio Lino, o brilhante artista que é uma gloria portuense, acaba de realisar em Lisboa uma apresentação dos seus trabalhos com um exito enorme. Seriam agora descabidas as criticas. Fazemo-nos apenas eco do sucesso retumbante.

* * *

D. Helena Roque Gameiro realisou no Porto a sua exposição de aguarelas. O seu triunfo foi tambem absoluto. Tem-se pois dado na passada semana, com Acacio Lino em Lisboa e Helena Roque Gameiro no Porto, um inter-cambio de arte entre as duas cidades.

* * *

O Sr. Santos Leitão está realisando uma exposição de fotografias artisticas no Salão da Sociedade Propaganda de Portugal. Este artista fotografico tem realisado preleções sobre a sua arte nesse salão e todas as noites tem enorme afluencia de ouvintes.

* * *

Na Sociedade Nacional de Belas Artes inaugurou-se o certamen anual. Brilharam pela ausencia alguns mestres.

A aguarela, onde faltam todos os grandes nomes está fraquissima. Mais de espaço nos referiremos á abertura do salão oficial desta agremiação.

* * *

Ricardo Marim, o formidavel desenhador espanhol tão celebrisado pelos seus extraordinarios «apuntes» dedicou-nos uma pagina completa e inedita. Não deu essa honra a nenhum jornal português a não ser ao nosso colega «O Seculo» e a nós. E' pois com orgulhoso jubilo que a oferecemos aos nossos leitores.

NA GARE

— Quasi sempre, nos desastres, o que sofre mais é a carruagem da rectaguarda.
— Mas então porque continuam a pôr essa carruagem nos comboios?

Sports

NO STADIUM

O VI ANIVERSARIO DE «OS SPORTS»

RUGBY—CROSS COUNTRY—ASSOCIATION

O conhecido bi-semanario propagandista de educação fisica, «Os Sports», realisa hoje com um excelente programa atletico, a festa comemorativa do eu aniversario.

Entrando no setimo ano de publicação a direção de «Os Sports» lançou as bases dum magnifico certamen, cuja realisação contribuirá de maneira eficaz para o desenvolvimento de certas modalidades atleticas, como o cross-country e o rugby.

Em «foot-ball association» efectua-se uma nova final da «Taça Armando Machado» entre os jornalistas de «Os Sports» e de «O Sport de Lisboa». Este trofeu cuja disputa se iniciou na época passada, reuniu na final os dois citados grupos que empataram a uma bola.

O encontro apresenta-se pois sob um aspecto deveras interessante, atendendo em especial á egualdade e á qualidade dos componentes dos dois onzes. Os manipuladores da pena, terão certamente maior dificuldade em actuar em campo, com a forma e precisão que exigem nas suas criticas.

Em «foot-ball rubgy» o Bemfica e o Sporting iniciam o torneio da «Taça Baillehache» pósta em litigio pelos «leões» n'um campeonato entre grupos de Lisboa e cujo titulo é uma homenagem justa ao fancez Maurice Baillehache, que durante a sua permanencia no nosso paiz se esforçou claramente pela introdução do rugby em Portugal.

Em «sports atleticos», mais uma vez o cross-country de «Os Sports» vem abrir condignamente a epoca, despertando energias adormecidas e chamando á lucta os nossos corredores de fundo.

O 4.º cross do nosso colega, terá ainda a notabilisa-lo o facto de ter sido aproveitado pelo novo Conselho Tecnico da Federacão Portuguesa de Sports Atleticos para disputa do campeonato regional do sul.

As provas citadas realisam-se no Stadium, o nosso mais amplo e perfeito campo de sport e o unico que permite a realisação de jogos de rugby.

O VI aniversario de «Os Sports» marcará de maneira condigna no nosso meio sportivo e indica bem a vitalidade daquele paladino de educação fisica, a quem enviamos as nossas saudações.

Ao festival desta tarde assistem os srs. Presidente da Republica, Ministro da Instrução, Governador Civil e outros elementos oficiais.

A ordem do programa é a seguinte:

13 horas — Foot-ball.
15 » — Cross-country.
16 » — Rugby.

Foot-Ball

CAMPEONATO DE LISBOA

Realisa-se hoje no Campo Grande o penultimo encontro da epoca, sendo adversarios, o Victoria de Setubal e o F. C. «Os Belenenses».

Os dois «matches» que ha a diputar influencia alguma podem ter na marcha do campeonato lisbonense.

Assim as posições que interessam o titulo de campeão, estão perfeitamente defenidos:

1.º—classificado na I divisão: Sporting
1.º— » na II » : Carcavelinhos
Ultimo da I divisão: Victoria.

O desafio Carcavelinhos — Victoria defenirá as situações respectivas na futura epoca. No caso de triunfarem os setubalenses, o que é de boa logica admitir, o Sporting fica ipso facto, campeão de Lisboa e qualificado para disputar o campeonato nacional onde tem nitidas probalidades de triunfar.

Uma victoria do grupo d'Alcantara, dar-lhe-hia o direito de defrontar os «leões» num encontro decisivo, cujo resultado não oferece duvidas.

A organisação do campeonato de Lisboa apresenta-se pois sob um aspecto deficiente, os ultimos encontros podendo não possuir o menor caracter decisivo, como se dá na epoca presente.

* * *

As ferias das Semana Santa são aproveitadas mais uma vez pelos nossos clubs, para a realisação de encontros internacionaes.

Assim, o grupo hungaro V. A. C., o team austriaco Sport Club Wiena e o club hespanhol Desportivo de Corunha, serão nossos hospedes. Dois grupos organisadores se constituiram: o Imperio, Bemfica e Sporting dum lado, o Victoria, os Belenenses e o Casa-Pia do outro.

O foot-ball atingiu um desenvolvimento enorme no nosso paiz e muito especialmente em Lisboa, e é de prevêr, que os dois «trusts» consigam boas enchentes, compensando assim as suas iniciativas.

REMO

OXFORD—CAMBRIDGE

Realisou-se no dia 28 de março no tradicional percurso de Poutney a Mortlake, a classica prova anual de remo em outriggers de 8, entre a Universidade de Oxford e a Universidade de Cambridge.

Esta corrida que apaixona ao mais elevado grau toda a população sportiva ou não—da velha Inglaterra, pôs este ano em confronto pela 77.ª vez, as duas gloriosas rivais.

O match foi prejudicado pela pouca sorte de Oxford, cuja equipe teve de ser modificada nos ultimos dias e cuja embarcação se encheu d'agua no decorrer da prova, tendo de abandonar á ponte de Hammersmith.

MANOEL LATINO

Cavaleiro e tecnico distincto, Manoel Latino é considerado como um dos oficiaes mais categorisados do nosso exercito.

Trabalhador incançavel Latino tem o seu nome ligado aos grandes progressos do hipismo em Portugal.

Na brecha de 1910 a 1918, foi um concorrente assiduo aos concursos de Lisboa, Porto, Coimbra, Caldas da Rainha, Figueira da Foz e Povoa do Varzim, onde alcançou brilhantes classificações. Em 1910 no Grande Certamen do Porto, Latino conseguiu triunfar nas provas «Ensaio», «Nacional» e «Grande Premio». Em 1911, obteve o 1.º premio da «Nacional» em Lisboa e o 1.º da «Omnium» nas Caldas da Rainha. Em 1917, triunfou no percurso de «Caça» na Figueira da Foz e na «Omnium» de Povoa de Varzim.

Ex-Director da Sociedade Hipica e membro do Comité Olympico, Latino foi o chefe da equipe portuguesa ao Jogos de Paris, onde os nossos cavaleiros se cobriram de gloria. Os seus conhecimentos e bons conselhos devem ter influido de maneira consideravel no exito excepcional da nossa cavalaria, n'aquela cidade.

A equipe de Cambridge era favorita. As ruas de Londres tiveram um movimento desusado e uma assistencia record presenciou a lucta entre os dois teams, ocupando as duas margens n'uma extensão de sete kilometros, distancia que separa Putney de Mortlake.

Quando Oxford foi forçado a abandonar, os «azul claro» tinham nove comprimentos de avanço e era logicamente impossivel qualquer triunfo dos «azul escuro».

Cambridge remou o resto do percurso sem esforço, obtendo o tempo mediocre de 21 m. 50 s.

A impressão geral é que nenhuma das equipes valia as formações dos anos anteriores.

O record da prova pertence a Oxford com 18 m. 29 s. em 1911 e Oxford está egualmente á frente no «palmarés» com 41 victorias contra 35 a Cambridge, havendo um «dead-deah», em 1877.

E' interessante salientar que em 1859 o barco de Cambridge se afundou e que este ano, se Oxford não abandona a corrida, teria egual sorte.

Os outriggers são adoptados pelas duas equipes desde 1846 e o percusro actual foi fixado desde 1864.

Atletismo

II

CORREDORES DE NOBREZA EM INGLATERRA. CORREDORES MODERNOS

(Continuação do n.º II)

O mais celebre foi talvez um certo Powell, cuja vida foi uma sucessão de marchas e contra-marchas. Quando se sentiu incapaz de andar, deitou-se e morreu (1793). Os povos do Oriente afirmam que a felicidade é horisontal. Para Powell era vertical.

Na mesma epoca, um joven irlandez, apostou fazer o trajeto Londres, Constantinopla e volta, em menos dum ano. Partiu em 21 de setembro de 1788. O «Annual Register» não se refere á sua volta. No entanto, aquele maniaco devia ter mudado o seu modo de locomoção, para atravessar a Mancha.

O capitão Barclay foi um caminheiro notavel.

Em 1801, com 22 anos de idade, foi de Uri, residencia de seus paes a Borough (condado de York) em 5 dias, percorrendo 300 milhas e ganhando uma aposta de 5.000 guineus.

Em 1809, aposta 3.000 libras, como percorria 1000 milhas em 1000 horas consecutivas. As apostas por fóra elevaram-se a 100.000 libras. O capitão iniciou a sua marcha no dia 1 de junho, á meia noite, em Newmarket. No dia 12 de julho, ás 3 da tarde, Barclay voltava são e salvo. A sua entrada na cidade foi um sucesso, os sinos tendo repicado a chamar o povo. Cinco dias depois, o famoso atleta estava a pé e a vida normal seguia o seu curso.

(Conclusão) CORRÊA LEAL

A «LEGOA DA MONTANHA»

O jornal portuense *A Montanha*, realisa na capital do norte, a 19 do corrente, uma prova pedestre de 5.000 metros, concorrendo assim para o desenvolvimento do atletismo em Portugal.

A corrida efectua-se na estrada da Circumvalação e é aberta a todos os individuos nacionaes ou extrangeiros maiores de 16 anos.

Os concorrentes serão sujeitos a um exame medico que se efectuará no edificio do jornal organisador. Aqueles porem que não possam comparecer á inspecção, é facultada a apresentação de atestado medico certificando o seu estado fisico.

O club cujo concorrente se classifique em 1.º logar, ficará detentor da «Taça Montanha», entrando na sua posse difinitiva, quando egual classificação obtenha em dois anos seguidos ou em trez alternados. Aos primeiros classificados serão entregues medalhas, e diplomas aos cinco seguintes.

A inscrição por concorrente é de 5$00 e deverá ser enviada ao diario «A Montanha» até 12 do corrente.

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e à actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

Este concurso afinal
Não é mais do que uma aposta.
O perder não fica mal
E de ganhar quem não gorta!

Anda o meio teatral
Em luta que me desgosta
Numa anciedade infernal
Para ler cada resposta.

Pois a minha vão saber
Que eu voto desta maneira
Sem vergonha de o dizer:

—Na cabeça, rabo e posta
Nela toda, toda inteira,
Eu voto na Laura Costa.

Por do concurso estar fora
Da Stichini eu nada digo
Nem mesmo qual a razão
(O Costa Carneiro agora
Dizem que a leva consigo
P'ro nacional do Japão).

Da Rei Colaço não falo
Com pena porque é de estalo,
Mas é estalo . . . do marido;
E a Auzenda só se um engano
Mudasse a data do ano
P'ra antes de eu ter nascido.

A Lucilia Simões Braga
A quem o talento afaga
Talento, sorte e mais tudo,
Para o meu voto ir p'ra ela
Como é Braga e como é estrela
Só vendo-a por um canudo.

Estas e as outras no entanto
Todas teem o seu encanto
No palco ou intimidade,
Quanto a mim segundo noto
Apenas possuo um voto
Que não é. . . de castidade.

JOÃO

Para min a mais formosa
A mais bela e bem posta
Sempre com o sorriso brejeiro
Não há como a Laura Costa.

OBLANDO DE CHABY.

Voto na Maria Matos
Por ter sido sempre um Urso,
E por correrem boatos
Que ganhará o concurso.

P. E. B. A.

MARIA VICTORIA

A peça de actualidade, tão querida do publico, Sonho Dourado com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

o momento teatral

Erico Braga — «O velho Braga» como êle proprio se intitula, na vaga reminescencia do saudoso emprezario do D. Amelia, é decerto hoje uma das figuras mais pitorescas, mais interessantes e mais simpaticas do teatro português.

Sendo um dos actores modernos que mais possuem as qualidades dum grande director teatral, Erico alia a uma bela elegancia na arte de viver um talento pessoal e notável na arte de representar. Disse Antonio Ferro, com felicidade, que êle «tratava o publico tu cá tu lá». É essa uma das suas vitorias. E não só o publico, a critica, os colegas, tudo êle traz preso do seu bom sorriso, suspenso duma cigarrilha cara que êle fuma como ninguem, e todos leva tranquilmente onde quere, sem esforço e sem desilegancias de atitude. Dirije uma grande companhia, e nunca um grande enlace fez tão auspicioso como a sua ligação com Lucilia, com aqual o teatro portugues tanto já tem ganho e tanto tem ainda a ganhar.

Daqui, a Erico, como director e como actor, as nossas saúdações pela obra de brilho e de mocidade que vem realisando, dignificando a arte do actor, dando distinção, nobreza e «panache» a essa velha, gloriosa e ingrata profissão de actor.

noites de primeira

«O ABADE CONSTANTINO», Maneira de meter o Chaby no Nacional em 3 actos.

1.º ACTO: — Passa-se num retiro fóra de portas. Ha um homem de cachimbo que apanha chicoria de proposito para a D. Palmira Torres fingir que a lava.

Aparece o Clemente a cavalo, mas como não sabe o papel e precisa de ouvir, tira o cavalo da chuva e vai entrega-lo ao Costa e Silva. Entra o Clemente a pé e vem fardado de oficial de Artelharia e a Dona Jesuina idem fardada de infantaria.

Começa a D. Jesuina a falar e o Clemente para fingir que lhe dá a mesma atenção que dispensa aos artigos do regulamento de teatros, córta o cabelo a uma rozeira e espera que a D. Jesuina acabe de se enganar para poder dizer o papel.

N'isto entra o Rafael que nem com vinte e seis anos feitos ha dez anos dizer que é um rapaz muito saltitante, muito alegre. Surge o Chaby que vem muito zangado porque está ha trez mezes a ganhar o ordenado á espera da deixa e todas se raspam á excepção do Clemente que por fim sempre condescente em representar aquele acto.

Finalmente entra a Ilda vestida de encarnado e a Albertina de branco que vem dar dinheiro ao Chaby. Este fica muito espantado e diz á D. Palmira que o vá dar depressa á D. Jesuina para esta o aferrolhar até Vichy.

A Ilda e a Albertina declaram que teem fama e arma-se ali um grande banquete. O Chaby come (se ele não foi lá para outra coisa! 6 contos por mez; é graça!) e depois dorme no que tem uma medida acertada porque assim não vê o portão que é pintado a não parecer mesmo verdadeiro.

A Ilda e a Albertina desatam a cantar a inglez para nós não percebermos que não teem vóz, o Chaby acorda porque entende que aquilo já é fazer pouco e o pano cae.

2.º ACTO: — Passa-se n'um salão velho aproveitado para fingir de novo. Ao fundo está um jarrão do tempo da Inquisição e que ainda se lembra dos bons tempos do Teodorico e da Emilia das Neves. Creio que pertence ao quadro tranzitorio. Lá dentro vae um rebentar de fogo de artificio que parece mesmo o contrario. A Albertina está decotada até á cintura mostrando umas costas que nem as de Caparica. A D. Jesuina vestida de rebuçado de fruta diz ao que case com a Ilda por causa da «tourneé» ao Brazil mas ele responde que o negocio é com o Loureiro e por isso já está arrumado.

Ouve-se dentro uma gaita que se não é de fole é uma pena e a sceua transforma-se na travessa do Fála-Só porque todos veem para ali falar sosinhos. Entra o Clemente e diz que não toma nada d'aquilo a serio. Era o Rafael e diz que assim é que não pode ser. Entra a Ilda e diz que só molha o vestido com alcool. Entra a Albertina e diz que só em «toilletes» foram seis contos. Entra a D. Jesuina e diz que para o ano quer ser societaria. Só falta entrar o Lino Ferreira a declarar que não se mete noutra quando aparece a Chaby e afirma que tuda aquilo é mau e que por isso vae á missa, gesto que todos aprovam com grande desvanecimento.

3.º ACTO: — Passa-se numa sacristia armada em exposição de moveis antigos. Chaby relê o contracto para a epoca de verão e d'ahi a pouco entra a D. Jesuina que traz um vestido todo em bambinelas pretas.

A' custa de muito esforço, de muito pedido, de muitos rogos, o Clemente decide-se a vir fazer o resto da peça. A Ilda aparece vestida de chapeu de palha, a Albertina não traz nada á mostra nada que interesse, o Rafael ajoelha com singular naturalidade, o orgão toca, o Chaby afirma que ha ali uma grande união, e o panho cae, e nunca ele cahiu com tanta propriedade.

ANDRÉ GODIM

Atriz de grandes recursos
Com bons olhos p'ra téla
No Teatro mulher não há
Mais linda do que Satanela.

ALVARO PINTO.

O que é que farei sem luz,
Se o sol acaso se apaga?
Orar sempre ao bom Jezus,
Po: ser quem o mundo afaga,

Pedindo que a Satanela,
De graça tão superfina,
Me concéda os olhares dela,
De luz bela, diamantina.

DIAMANTINOPES.

Cá na minha opinião,
Se querem vamos á aposta! ?
De entre tôdas, tôdas, tôdas
A mais bela é Laura Costa!

VÓ CENCIA

Olhos negros encantadores
Uma linda cabeleira
É o amor dos amores
A Auzenda d'Oliveira.

MARIA ALICE BOTELHO.

A! mais bela e mais falada
Faço aqui a minha aposta,
Com certeza a premiada
Deve ser a Laura Costa

A. E. P.

Para responder ao concurso
Da actriz que mais se gosta
Não farei figura de urso
Se votar na Laura Costa.

JULIO LORENÇO

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 11

Auzenda d'Oliveira	22	votos
Amelia Rey Colaço	10	»
Ilda Stichini	5	»
Palmira Bastos	1	»
Luiza Satanela	7	»
Laura Costa	7	»
Adelina Fernandes	4	»
Maria Corte Real	2	»
Maria Alvarez	2	»
Maria Clementina	1	»
Aldina de Souza	1	»
Elisa Santos	1	»
Julieta Soares	2	»
Elvira Costa	1	»
Maria Alves	2	»
Emilia Fernandes	1	»
Maria Brazão	1	»
Dulce d'Almeida	1	»

S. CARLOS

Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico toda a companhia.

NACIONAL

O abade Constatino com Chabi, e toda a companhia' Grande exito de rentimento. Enchentes.

S. LUIZ

Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos.
Grandioso exito de arte e elegancia.

APOLO

Fechado temporariamente.

AVENIDA

Espectaculo, alegre ouvidos pela brilhante companhia de Pedro Barreto. Explendida companhia. Arte e elegancia.

POLITEAMA

O grande exito «Massaroca» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara, Toda a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

TRINDADE

Tangerinas Mágicas — feeries e revistas grande mágica de Eduardo Garrido Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

como eu roubaria a joalharia Leitão

Sensacional pagina enviada por um individuo preso no Limoeiro

ENTRE a avalanche de cartas que diariamente nos chegam com a mais variada colaboração, o correio trouxe-nos ontem um envelope volumoso que encerrava um pequeno caderno de papel quadriculado, e uma folha solta com a seguinte carta.

Ex.mo Senhor.

Sabe o que vai junto? E' um caderno de papel que pertenceu a um companheiro meu do grupo A, no Limoeiro. Talvez dahi possa fazer uma novela para o «Domindo ilustrado». O dono desse caderno era um rapaz muito esperto (contava 19 anos e 22 prisões, veja lá...) e tinha um socio francez que se «raspou» para Espanha quando lhe deitaram a unha. Actualmente anda á solta, mas eu nunca mais o vi.

Seu, obrigado
Joaquim A. Saraiva (?)

Desdobramos cuidadosamente o caderno e folheamos as suas vinte paginas onde, entre os mais estranhos apontamentos surgia o plano, engenhoso e completo, do roubo da ourivesaria Leitão, a grande casa do Largo das Duas Egrejas. Da-lo á publicidade e, pelo menos, evitar que ele se ponha em pratica.

O caderno está escripto em estilo de novela, como se o proprio gatuno fosse romancista e descrevesse o episodio. Dir-se-hia feita a descrição para que cumplices lessem, e não lhe é estranha certa eloqüencia de expressão. Nas entrelinhas aparecem algumas palavras francezas o que dá verosimilhança á ideia do cumplice daquela nacionalidade. Pômos-lhe apenas alguma gramatica, no que lhe não levamos nada... e publicamos o caderno na integra, prestando assim, com a descripção deste crime ainda «in mente», pulverisado pela nossa publicidade, um serviço áqueles simpaticos joalheiros.

* * *

«A casa está toda forrada de ferro, chapa N (?) grossa. Por cima ou pela escada da R. da Trindade é impossivel tentar o caso. O revestimento da noite

é automatico, chapa «tartaruga» (?) e o desaranjo forçado na maquina (caso do Miranda, Porto), é suspeito logo. O unico processo com resultados garantidos é o de «grande quadrille» de dia. Material preciso: Automovel fechado, um.

«Chaufeurs» de libré (alugar no Guarda Roupa Cruz, com a indicação dum club da Provincia e deixar a importancia por inteiro).

Aluguer dos quartos na pensão do n.º X por cima do curso de dança Magalhães Pedroso. Corte geral da luz electrica na zona Z. W. S.

Figuras: A senhora, o ministro, os dois chaufeurs, o policia, a velha do predio fronteiro.

* * *

A's seis horas da tarde, um bom automovel, um Hudson negro, lusidio e rico, com dois «chaufeurs» agaloados, pára á porta da ourivesaria Leitão. A montra da direita tem umas oito peças admiraveis, tudo em esmeraldas perolas e diamantes. A montra da esquerda uma baixela manuelina formidavel. O automovel tem uma pequena taboleta presa atraz com a indicação *Legação geral dos Paizes Baixos*, mas, não traz numero, e ostenta tambem a indicação, *em experiencia*.

Dentro da aristocratica joalheria es-

tão trez empregados. Tudo rapazes novos. Nesta casa usam-se as maiores precauções. Os caixeiros alem de andarem todos munidos de revolveres têm varios timbres de alarme, escondidos sob o balcão e em algumas molduras das vitrines. A' menor tentativa todo o pessoal pode acorrer á sala de vendas.

Do automovel apeia-se o segundo «chaufeur» que abre a porta, donde uma senhora alta, loura, e muito bem vestida, envolta em ricas peles, se apeia entrando logo no estabelecimento. Nesse momento haviam telefonado para a loja, em francês, da Legação, perguntando se a sr.ª ministra já tinha chegado, e a comunicar, da parte do sr. ministro, que sua ex.ª se demoraria mais um quarto d'hora no Ministerio dos Estrangeiros e pedia á senhora para o esperar.

— A ministra disse que sim, no seu português afrancesado. Era o primeiro signal de que tudo corria bem e não havia mais clientes nesse momento.

A senhora declarou que seu marido viria com ela escolher perolas, pois seria nesse dia «le jour de sa fête». Entretanto, podiam já ir escolhendo qualquer coisa, e sobre o cristal do balcão vão aparecendo os taboleiros de veludo com as perolas.

Fóra, na rua, a noite cai e os arcos voltaicos iluminam o Largo das Duas Egrejas. A ourivesaria está iluminada a jorros. Repentinamente faltou a luz electrica e dentro do estabelecimento imediatamente se acenderam castiçais e se premiu uma forte lanterna eletrica já disposta para estes casos. Mais alguns minutos e apitos e gritos soam no Largo aflitivamente. Do predio fronteiro, no ultimo andar, uma labareda rompe por uma janela e uma pobre velha, grita aflictivamente por socorro.

A ministra, bem como os caixeiros, chegam á porta. A mulher brada que não pode sair por estar fechada, e em altos brados pede por socorro. A sr.ª estrangeira, muito palida, desmaia nos braços dum caixeiro, e reentra na sala. Os chaufeurs entram tambem, bem como um policia. Nesse momento, o senhor ministro assomou tambem á porta, os «chaufeurs» saúdam-no. Apenas um empregado guarda os grandes taboleiros das joias. O ministro pede agua, agua fria, nervosamente. Dois castiçais, com a precipitação tombam na alcatifa, apagando-se. O policia correu de repente a cortina da porta. Duas mechas de algodão ensopado nas bocas, calam momentaneamente os dois empregados, emquanto o terceiro ao regressar com a agua, é revestido da mascara isoladora V. R. II, que o prostrará como uma massa inerte.

Não ha um minuto a perder, o Largo começa a pejar-se de gente; as bombas do Largo do Quintela estão já a postos. Dois bombeiros subiram ao quarto andar, abatendo a machado a porta do quarto alugado á velhota e a uma neta dez dias antes. Saiu a velha em braços. O fogo tinha sido numa cama, perto da janela; a neta saira e por distração deixara-a fechada...

Na ourivesaria, num minuto, o conteudo dos taboleiros e da montra esquerda, estava num saco de cautchú duplo

O policia, saía e afastava a multidão para deixar seguir mais depressa o carro, Alecrim abaixo, e sumia-se veloz na Rua da Emenda...

A' noite, o «Diario de Lisboa» anuncia, em grande parangona na pagina da cidade:

UM ROUBO DE MAIS DE

1000 CONTOS NA JOALHERIA LEITÃO

e em ultimas noticias, sem importancia de maior,

UM COMEÇO DE INCENDIO NO LARGO DAS DUAS EGREJAS

* * *

Meia hora depois, no Estoril quatro pessoas jantavam tranquilamente no hotel Miramar. Um homem alto, cara ra-

pada, uma senhora, de lindo cabelo ondeado negro e dois rapazes bem postos. Tinham á porta um Hudson negro, com o seu numero, e falavam correntemente o português...»

Pela copia

V. S.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O primeiro crime da "maria rapaz"

ESTA «Maria Rapaz», com a sua alcunha pitoresca e extravagante foi, talvez, na nossa Lisboa burgueza e pacata, a primeira encarnação duvidosa da «Garçonne» de celebre memoria.

Magra, palida, morena, a boca fina, sinuosa e larga, o «signe de beauté», a dar-lhe a bôa pinta na curva airosa do queixo, na testa uma melena negra como uma pincelada de tinta da China, os olhos verdes, cristalinos e claros — a sua voz tremula, o seu andar incerto de faia viciosa—tal a imagem que ficou na recordação dos cadastros da policia de Lisboa.

Foi o primeiro cabelo cortado que apareceu na Boa-Hora, nessa gélida manhã em que foi a julgar por crimes de transviada doente, com má informação do Refugio e uma parte carregada do padre Oliveira, o velho pesquisador dos crimes dos menores, o alquimista dos odios precoces, o estranho nevropata que conhecia e manejava os cerebros infantis, fazendo chocar ou convergir os depoimentos nessas celebres acareações da Tutoria, como um jogador de bilhar que jogasse com matematica precisão uma fantastica partida com as cabeças rapadas das creanças...

* * *

A «Maria Rapaz» que sabia lêr e escrever, estivera, num balbuciar de vida honesta, empregada como ajudante de escripturaria num modesto escriptorio de consignações ao Arco de Bandeira. Era um quarto andar lôbrego e escuro, onde o papel caia das paredes em tiras, e andava sempre no ar um cheiro pesado a môfo e aos oleos das latas que vinham para vender.

Iniciaram-se ali as torpezas sexuais. A Maria, ao despertar dos instinctos, pecou logo.

Alem do Victor, um adolescente triste, que alinhava cifras numa mesa fronteira á sua, e ia aos sabados á cobrança, pela praça, havia mais duas companheiras: uma dactilografa—Susana—e uma coxa, amarelenta, com olheiras e falta de dentes á frente, a Sr.ª Matilde, a mais antiga no escriptorio e que superintendia ao expediente.

Poupemos aos bicos da pena essa vil escoria da valeta da vida, que teve como lugubre teatro de lupanar o saguão imundo desse 4.º andar da baixa...

* * *

Debalde — uma tarde — um sabado de inverno, chuvoso e cinzento — o Victor retardou a saida.

Parecia-lhe que nesse dia, mais triste do que nunca o funebre quarto, mais escuro do que nunca o corredor do saguão, nos labios da Maria Rapaz—a «Menina Maria» de então, um sorriso de doce simpatia pairava, mais humano e mais amigo. Debalde o rapaz, trémulo e palido, lhe apertou nas suas mãos geladas a mãosita pequena, debalde duas lagrimas nervosas lhe toldaram os olhos...

A Maria Rapaz sacudiu-o e ameaçou-o: «gritaria pela Sr.ª Matilde se a não largasse».

E o rapaz recuou logo, confuso, e remoeu em noites de vigilia ardente o despertar desse primeiro estremecimento de amôr:— A «menina Maria» não gostava dêle!

* * *

Dois mezes depois, a Maria Rapaz, mais acentuadas as suas olheiras violetas, macilenta e vencida, arrastava-se já inconsciente na viciosa vida nocturna e misteriosa de Lisboa. Chegava tarde ao escriptorio. Estava eminente a sua saida definitiva.

Uma tarde, aberto o cofre, a Maria

trouxe á mão um molho de facturas. Eram uns centos de mil reis que havia a receber. Poz a boina de oleado e saiu.

Em duas horas tinha recebido o dinheiro e não voltou mais a aparecer. Á noite quando se fecharam as contas a Sr.ª Matilde disse que a Maria tinha ido para casa doente, e o patrão, num acesso de furia, culpou o Victor, tambem ausente, do desfalque.

* * *

Quem porem tinha ido de facto doente, cuspindo sangue, a face inchada de febre—era o Victor.

Na manhã seguinte um policia veio acusa-lo ao leito. O rapaz protestou numa convulsão de tosse, que estava inocente.

Mas, depois, mais vitreo o olhar, mais cavadas as faces, afirmou num murmurio: Sim, fui eu, fui eu que roubei... não culpem ninguem...

A «menina Maria» foi ao escriptorio?

— Eu sei lá quem é a menina Maria!! Olha, meu figurão, põe-te mas é direito em pouco tempo que tens que ir para o Limoeiro—e olha que eu não te largo a casa!

O agente saiu. O rapaz cerrou os olhos. «Sim, devia ter sido ela», pensou.

A menina Maria... Porque não gostaria ela de si? E o pobre adolescente delirava no goso desse sacrificio voluntario da sua honra á fugitiva imagem da estranha e misteriosa «Maria Rapaz...

* * *

E, que fazia a rapariga? Com o dinheiro desse primeiro roubo, sobre o qual se alicerçava a sua vida de crime e de desvario, atirando-se de escândalo em escândalo para o roubo e para a ignominia, a graciosa e perturbante «menina Maria» de timidos modos e falas suaves. era já uma heroina de viela. Os seus vicios picantes contavam-se nas tabernas da Rua do Capelão e havia «moinas» que desafiavam tudo para a possuir.

A Sr.ª Matilde do escriptorio e a menina Suzana tinham já ficado para traz na sua vida bohemia, e quando uma vez, á boca da noite, a viram á saida do escriptorio seguir R. Augusta fóra, foram as primeiras a fugir de qualquer comprometedor encontro...

* * *

O Victor, esse, não se levantou mais. Quando as primeiras arvores do Camões começaram a substituir os pardais pelas folhas verdes—o rapaz mandado pela Assistencia Nacional, foi para o Sanatorio de Outão.

O seu lento andar de tuberculoso atravessou o Terreiro do Paço para o vapor, e ao voltar da R. do Arsenal, caiu, junto ao engraxador, vergado as pernas em cruz sob o peso do tronco.

Dois homens o ampararam — dois «populares», que aparecem sempre, que são a filantropia da Rua, essa compaixão colectiva que anda no ar—a unica nota de poesia em que a cidade vence a mortal solidão do descampado.

Mas essa sincope primeira teve uma causa determinante. Uma silhueta conhecida cruzara a pouca distancia a Arcada, meio inclinada sobre a frente, um chale sobre os ombros, triste, on-

dulante, nervosa como uma horisontal de club—era a Maria Rapaz...

* * *

Quando na sala dos incuraveis a rapariga entrou, não foi preciso indicar-lhe a cama.

— Ja vi... E' o dezasete... e correu para o catre tranquilo, onde a mancha esverdeada do rosto do doente repousava sobre o branco das almofadas.

A Maria não soube dizer uma palavra: ajoelhou. Mas o ouvido dos tuberculosos é finissimo e o doente entreabriu os olhos. Um estremecimento lhe percorreu o corpo. Balbuciou a custo: Vem-se despedir de mim?

— Venho-lhe pedir perdão... e trazer-lhe o dinheiro... senhor Victor...

—Eu não preciso de dinheiro... não preciso de coisa alguma... menina Maria.

Mas este dinheiro é seu—fica aqui... Diga o que quere que eu lhe vá comprar, se quere de mim alguma coisa..

— De si? e soergueu-se, dolorosamente, no leito.

De si?... menina Maria, de si... Não quero nada... Que seja muito feliz:... muito!

Que não sofra nunca nada!

Se lhe lembrar reze por mim... que eu, agora, acredito, acredito em Deus—com muita, muita fé!??

* * *

Apenas uma pessôa acompanhou á vala comum o esquife que saira de madrugada do Sanatorio. Era uma figura estranha, ondulante e magra—os olhos mais do que nunca azues, os labios vermelhos, berrantes, sanguineos, terrivel, tragicamente pintados a vermelho como uma ferida em sangue...

O Reporter Misterio

REVISTA «DE TEATRO»

Saiu o 3.º numero do da «De Teatro Caricatural», brilhante publicação da revista «De Teatro» superiormente dirigida pelo nosso amigo Mario Duarte.

A revista «De Teatro» que prosegue no seu patriotico programa de inter-cambio artistico e teatral, acaba de receber galhardamente os dramaturgos do paiz visinho que se encontram entre nós representando a Sociede de Auctores Espanhoes.

O livro de memorias, de Brazão, editado pela mesma empreza viu em poucos dias exgotada a sua 1.ª edição.

NO PROXIMO NUMERO A MAIOR REPORTAGEM QUE SE TEM FEITO EM JORNAIS PORTUGUESES SOBRE

O Conto do Vigario

POR

EDUARDO FERNANDES (Esculapio)
(O conto do vigario em Portugal)

E

REINALDO FERREIRA
(Os vigaristas internacionais)

O DOMINGO ilustrado

Secção a cargo de José Pedro do Carmo *(Zép'édro)*

QUADRO DE HONRA

ZARITA — A. NEVES

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 10.

Decifrações do numero passado:

Charadas em verso: Philosofia—Carola.
Charadas em frase: Lusco-fusco—Alagado.
Logogrifo: Gentil-homem.

CHARADA EM VERSO

Pediram-me uma charada,
A mim, que tão pouco sei,
Mas emfim, procurarei,
Que vá bem apresentada.

Francamente, tenho pena,—1
De estar n'esta contingencia,
Porque a minha competencia,
Coitadinha, é bem pequena.

Está quasi terminado,
Muito longe de ser bem,—1
Mas só a dar o que se tem,
Se póde ser obrigado.

N'esta quadra acabará
Tão dificil empreitada.
E bem ou mal acabada,
Ahi fica. Ella ahi está.

PORTO — ZARITA

*

CHARADAS EM FRASE

O Povo para não sofrer condenação, fez grande tropel—2—2.

PORTO — O *Mister Misterio*

*

Na cidade da Guarda, toda a mulher anda de saia curta—2—1.

REI DO ORCO

*

LOGOGRIFO

(Aos ilustres confrades "Carmo & Zé,)

Vigia a pobre viuva,—10—4—12—9.
O seu *defunto* marido,—5—9—3—9—10—11—8.
E chorando, assim lhe diz,
N'um tom triste e dolorido:

Acaba alfim o calvario—7—1—2—3—9.
D'esta *alma* inconsolavel,—10—6—3—9.
Farta de sofrer, ó Morte,
O misterio impenetravel!

REI FERA

—

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

BELMONTE REGRESSA ÁS ARENAS — O DR. MOTA CABRAL E A INFLUENCIA DO «SOL» NO RIBATEJO — ANTONIO LUIZ LOPES EM BADAJOZ — OS PALHAS APAVORAM OS MADRILENOS.

PASSOU por Lisboa o fenomeno Juan Belmonte que tanto tem dado que falar aos periodicos hespanhoes, alguns dos quais asseveravam que o «diestro» não voltaria a envergar o «traje de luces».

Puro engano.

Belmonte vem mais vigoroso do que nunca apesar de regressar da America ajoujado sob os milhões de pesetas...

Ve-lo-hemos em 30 de abril em Gerez de la Frontera.

A posição adoptada por Belmonte continua a ser entre o Banco de España e o do hospital!

* *

Fomos alvo da gentileza do dr. Mota Cabral que nos enviou o seu «Ao Sol», trabalho acentuadamente regionalista e por onde perpassa o grito entusiasta do aficionado «de verdad».

Prosa rendilhada, conceitos purissimos, são as flôres que adornam a peça literaria do ribatejano Mota Cabral.

«El Rodriguito» tambem nos remeteu o apreciavel volume «Toros y Toreros» em que «Don Ventura» e «Uno a Sesgo» resenharam todo o movimento tauromaquico verificado em Espanha, Portugal, França, Italia, Hungria e Americas Centrais.

* *

Os touros de Palha Blanco continuam a fomentar o pavôr entre lidadores espanhois a ponto de constituirem os inexqueciveis protogonistas da corrida tragica de domingo passado em Madrid.

Os oriundos das nossas lezirias apenas com um sôpro, fizeram tremer «el ruedo» da praça madrilena.

Para dissimular o terror provocado pelos palhas far-se circular o boato de que os touros eram já corridos...

* *

A corrida de Badajoz em beneficio da familia de Zurito foi uma das mais sensacionais festas que se tem realisado na praça daquela velha cidade hespanhola.

Antonio Luiz Lopes. apesar de lhe largarem o bicho mais pequeno da manada, produziu um trabalho digno das aclamações que recebeu. Cravou dois pares de bandarilhas com a maior correção.

Sanchez Mejias e Algabeño a cavalo, desenvolvem com aplauso o toureio muito em voga nas praças do paiz visinho.

Saleri II e Facultades foram os espadas da tarde, fazendo impor o seu trabalho, com arrojo e segurança de tecnica.

* *

Em 12 do corrente temos no Campo Pequeno o espada Juan Luiz de La Rosa em 19 o grande Sanchez Mejias e no domingo 3 de maio, Marcial Lalanda.

PÉPE LUIZ

A CORRIDA DE HOJE

Realisa-se hoje na Praça do Campo Pequeno, ás 4 e um quarto da tarde a segunda corrida d onotavel «sportsman» cordovez D. Antonio Cañero que tanto exito alcançou na sua primeira exibição.

Na corrida que será dirigida pelo sportsman Mario Duarte serão lidados seis touros de Infante da Camara, tendo 3 o ferro de Antonio Lapa.

O detalhe de corrida é o seguinte:

1.º touro — Simão da Veiga (filho).
2.º » — Antonio Cañero.
3.º » — á duo» Simão da Veiga (filho) e Antonio Cañero.

INTERVALO

4.º touro — Simão da Veiga (filho).
5.º » — Antonio Cañero.
6.º » — Bandarilheiros.

Folhetim do Domingo «Ilustrado» — *N.º 5*

Por LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

V

NESSA tarde a velhice reconhecida iria ao Paço depôr nas mãos de Sua Magestade os protestos do seu louvor e as flores da sua gratidão. A manifestação fôra marcada para as cinco horas—mas muito antes já a vasta *Praça da Liberdade* dava a impressão humilhosa desse arraial onde uma nuvem de gente alastrava, bescava, formigava, sob a caricia tépida da luz. Estava ali de tudo quanto havia de velho, de gotoso e de decrepito no reino de Sua Magestade. Ninguem faltára. A provincia enviára, com largas mensagens, os seus dignos e honestos representantes. A' hora marcada o cortejo poz-se em marcha ao som de musicas e por entre «vivas» sinceros. As janelas apinhavam-se d'uma multidão curiosa que via, que comentava, que borbulhava em cachos humanos—como se assistisse, em pleno seculo XVIII, a uma procissão. Sobretudo era de vêr as mulheres agitando numa onda colorida de chapeus as cabecitas vivas e inquietas, chilreando, comentando ora um, ora outro:

— Ai, aquele... Que bôbo!

—Antes morrer do que casar com aquele espantalho...

—E aquele que ali vae... Parece mesmo um Judas Iscarista...

E o cortejo seguia, arrastando-se num passo lento de macho de liteira, entre chufas aos velhos—e vivas ao Rei. Quando a multidão chegou ao Paço e Sua Magestade se dignou assomar, rodeado dos ministros, a uma janela resplandecente de damasco vermelo que luzia, ao sol, como uma purpura de cardeal—as manifestações atingiram o delirio. Era um nunca acabar de «vivas», de agitar de lenços, de chapeus no ar. Dir-se-hia que um fluido misterioso tinha transformado aqueles trez, quatro, cinco mil velhos em trez, quatro, cinco mil rapazes cheios de alegria, de vigor, de saúde e de força. Comissões subiram ao palacio real para entregar, ajoelhados como fámulos, os pergaminhos das mensagens escritas a tinta da China numa caligrafia pintada digna dos velhos mestres iluminadores do seculo XIV e XV. O Rei Maganão que se retirara por instantes, voltou a aparecer á janela, alegre e viçoso, para agradecer á multidão as suas palmas e os seus aplausos.

Que contassem com ele, porque, para defender a honra e a dignidade ultrajadas... As mulheres haviam de saber—e com que decisiva evidencia—que se não brincava com os velhos... Elas ai estavam mobilisadas ás ordens do governo—e do Amôr decrépito... Fisera-se Justiça!

As ultimas palavras do rei confundiram-se nas aclamações. O cortejo debandava. Mas, de repente, uma chuva incessante começou a cair imprevistamente, encharcando, ensopando os ultimos fios de sol, reduzindo aquela multidão á categoria de gátos pingados...

(Continua)

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

MÃOS CRIMINOSAS—Na caligrafia de V. Ex.ª lê-se que o seu temperamento é romantico-dorsal. Teve em pequena uma infecção pulmonar derivada de um apaixonamento por um rapaz estudante e sofre actualmente de solteirite-cronica. Mate-se.

MARIA ANTONIA—Se seu marido recolhe tarde o remedio para o fazer mudar de habito é extremamente facil. V. Ex.ª atraza o seu relogio cinco horas e verá como tem a ilusão de que tem o seu esposo em casa á meia noite.

SEMPRE TRISTE — Meu caro senhor, o remedio é arranjar outra. Para dôr de cotovelo ha só um remedio: Tempo.

MANUEL CEGUINHO. — O chapeu de palha caiu em desuso. O que se vai usar muito este verão por causa do calor, é o chapeu de sol.

MATIAS — Sei de uma pensão barata que talvez lhe convenha; Custa cincoenta mil reis por dia e tem o seguinte ao almoço: guardanapo, faca, garfo, toalha, pratos, meza e uma cadeira. A comida tem de ser levada de fóra pelos pensionistas e os palitos são de graça.

AMOR PERFEITO—V. Ex.ª minha senhora está errada. Os principes encantados acabaram. Aproveite esse porque de contrario terá de casar com algum viuvo em segunda mão com filhos que fará de si uma especie de mulher a dias.

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta ao Prof. HAITY.

RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

pagina feminina

Carta de Paris

Elegancia simples

Ao contrario do que muita gente supõe, os vestidos duma mulher verdadeiramente elegante são sempre simples. Paris, por exemplo, oferece neste momento, inicio da grande *season* da primavera, que só termina com as corridas do *Grand Prix*, um espectaculo de elegancias as mais diversas, duma moda extremamente caprichosa, por vezes até contraditoria. Vêm-se, uma junto da outra, duas *toilettes* bem diversas: uma muito direita, comprida, fazendo emagrecer; outra mais alargada em baixo, mais á vontade. Ambas agradam; mas apesar de todas as aparencias, são rigorosamente fieis ao tema eterno do vestido direito e simples.

Esta persistencia fala em favor da fidelidade feminina, de que não é permitido duvidar depois de tais provas.

Onde estão, as épocas longinquas durante as quais a grande *fantasia* reinava e em que se cochichava:

—Esta estação, as modas serão egipcias... da idade media... segundo imperio...

Nesta estação os grandes costureiros franceses tentaram insuflar a alguns dos seus modelos uma tendencia nitidamente Directorio. Todo o novo ensaio exige audacia. Esta é linda e encantadora, mas cremos bem que não irá por deante. Aparte alguns destes ensaios ousados, nada se desenha ainda claramente. Apalpa-se um pouco durante algumas semanas, os criticos fazem a sua obra, e só muito tempo depois é que sae; triunfante, o vestido—tipo da estação, que fará furor por toda a parte, que será imitado de todas as maneiras e que as mulheres muito elegantes deixarão então de usar.

Nesta estação, uma mulher pode sem receio de se enganar sobre as tendencias da moda primaveril, escolher o vestido—estojo, o vestido-bainha, o vestido direito... As parisienses fixaram definitivamente a sua escolha sobre eles e por muito tempo ainda. Ninguem quere *toilettes* complicadas. Das exigencias e das necessidades da vida moderna nasceram as saias curtas e os vestidos direitos: é por isso que os veremos ainda durante muito tempo. Um ano é um espaço longo em materia de moda!

É, pois, nos detalhes que, como já dissemos em outra cronica, nos será necessario procurar novidade e fantasia. A sua importancia cresceu imenso.

Entre todos os detalhes, um ha que merece uma atenção muito particular: é a fita.

Desde sempre as mulheres elegantes lhe têm permanecido fieis. Não conheço época alguma ou estação em que a fita tenha sido posta inteiramente de lado. As nossas avós apreciavam-na como uma linda frivolidade, e o misterio dos *dessous* volumosos e frufrutantes do tempo passado não evoca imediatamente a ideia dum incalculavel numero de metros de fita?

Por forma muito diversa, correspondendo ás novas exigencias da moda, a fita é ainda mais empregada, se é possivel. Devemos acrescentar que a sua qualidade tem sido muito melhorada e aperfeiçoada e que a sciencia moderna, posta ao serviço da moda, realisou n'este ponto coisas lindissimas. A fita é, na costura, d'um socorro precioso; mas na moda é indispensavel. Uma ponta de fita gentilmente arranjada acaba um chapeu. Guarnece com a mesma graça tanto a fôrma mais modesta como a mais pretenciosa.

Flôres e fitas: eis os dois encantadores aliados da graça feminina. Basta saber usar delas.

A luva

Uma mulher bem enluvada está sempre bem vestida, afirma um velho ditado. O facto é que a frivolidade delicada que se chama a luva constitue a mais segura garantia do bom gosto da sua proprietaria. Ninguem verá jamais uma mulher verdadeiramente elegante enluvada por forma duvidosa.

Já passou o tempo em que o papel da luva consistia em proteguer a mão. Hoje em dia embeleza-a e contribue em larga parte para a elegancia do conjunto. Sobretudo agora em que a luva de fantasia reina absolutamente. Um lindo requinte exige que ela condiga—quer pelos seus borbados, quer pelo tom do punho—com o colorido do vestido ou do casaco. A ultima novidade consiste até em trazer a «parure» completa: luvas, lenço, saco. Tudo combinado em seda, «moiré» ou «taffetás» e bordado com rosas minusculas, dum trabalho tão delicado como harmonioso.

«Que luxo!» dirão os leitores... «É preciso então possuir tantos pares de luvas como de vestidos!...» Porque não? Não fazem as lei toras condizer os sapatos com as saias e a meias com os sapatos?... Será isso menos oneroso?... Não ha nenhuma razão para que as nossas lindas mãos sejam menos bem tratadas do que os pés!...

O util e o agradavel

Todos os nossos antigos e sobretudo as nossas boas avósinhas tinham o culto da alfazema. Essa planta era guardada e seca entre as roupas, nos pesados armarios cheios de bragal. Entrelisada a essencia, era esta empregada não só como perfume, mas até em outros usos, para expulsar traças, etc.

Evidentemente nesse tempo fazia-se isto apenas por intuição ou porque a pratica mostrara as vantagem do uso da alfazema. Hoje em dia, porém, sabe-se que a essencia de alfazema é um poderoso desinfetante, que cura até feridas tão bem (e em certos casos até melhor) como qualquer desinfetante de laboratorio. Razão tinham, pois, os nossos antepassados em dar tão grande preferencia como davam á alfazema e ás varias formas como ela é apresentada.

Um destes e dos mais interessantes é a agua de colonia de alfazema. Não só esse preparado tem as qualidades excepcionaes que tem sempre uma agua de colonia, quando é boa, mas a alfazema dá-lhe qualidades muito mais excepcionaes e torna-se uma coisa absolutamente indispensavel no tocador duma senhora ou dum homem, que aliem o bom gosto á utilidade. Ora, em Portugal prepara-se actualmente uma agua de colonia de alfazema, a 80 graus, que é precisa para banho, para perfumar, etc. Qualquer pessoa a pode comparar com os produtos similares inglezes e verá com facilidade que não fazem diferença; tanto mais que este preparado portuguez não é posto á venda senão depois de se couservar um ano em deposito. Encontra-se á venda na casa preparadora, a «Perfumaria da Moda», da rua do Carmo, 5 e 7, Lisboa.

Os nossos modelos

Os trez elegantissimos modelos que apresentamos nesta secção, são trez encantadoras e originalissimas «toilettes» que foram apresentadas a semana ultima por trez ilustres actrizes francezas, num dos teatros de Paris. Constituem a mais recente e sensacional novidade.

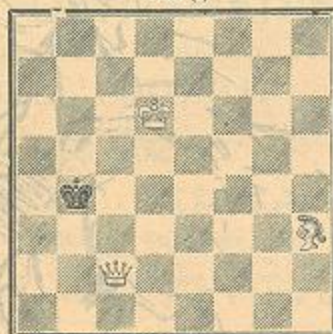
CELIMÉNE

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 11

Por P. Menaboni

Pretas (1)

Brancas (3)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

Solução do problema n.º 9

1 $\frac{\text{T (de 1 C)—4 C.}}{\text{R 6, ou 8 R}}$ 2 $\frac{\text{T (de 4 C)—4 B R}}{\text{R joga}}$

1 $\frac{}{\text{R 6, 7 ou 8 B}}$ 2 $\frac{\text{R 2 D}}{\text{R joga}}$

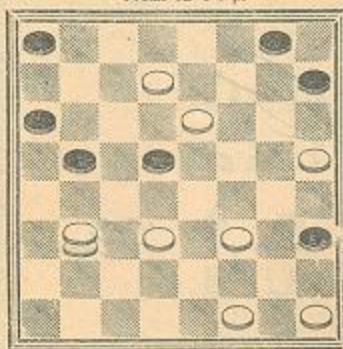
Resolveram os problemas n.os 8 e 9 os srs. Jorge Pereira, Sequeira Ramos, Beja e Sousa, J. Manuel Pires (Portalegre), Nunes Cardozo, Dr. Damas Mora; Capitão Elias Garcia (Faro), Mota Ribeiro (Porto), Afonso Moulinho, Tenente Alves e grupo de oficiais de Infanteria 15 (Tomar) e F. de Mendonça.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 10

	Brancas	Pretas
1	23—17	32—23
2	12—16	20—11
3	13—17	22—13
4	6—9	13—6
5	1—10—19—26	30—23
6	8—15—22—29 (D)	24—19
7	4—8	23—18
8	29—15—24	28—19
9	8—11	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 11

Pretas 1D e 7 p.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

UMA PAGINA INEDITA DO GRANDE DESENHADOR ESPANHOL RICARDO MARIM, DEDICADA AO NOSSO JORNAL

JOÃO BRANCO NUNCIO, NAS CORTEZIAS—O CAMPINO E OS CABRESTOS—REZ PURA—CONTRA A TRINCHEIRA—O CAVALEIRO D. ANTONIO CAÑERO

PUBLICIDADE

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS! DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40

LISBOA

MAQUINAS

TUBAGEM — CORREIAS
SERRALHARIA — FUNDIÇÃO

F. STREET & C.º L.TD

ENGENHEIROS

R. P. DOS NEGROS — LISBOA — TELEGR.: ELECTRO

Tapeçarias de Traz-os-Montes

(URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS.

A Prestações

Fatos e sobretudos no rigor da Moda. — Rua da Escola Polytechnica, 35, 2.º — LISBOA.

Mobilias completas

Casas de jantar, quartos, salas e escritorios em todos os estilos, dos mais luxuosos aos mais modestos. Moveis desirmanados compra, troca e vende nas melhores condições. Fabricante de Maples em todos os sistemas. Veludos, cretones e peles.

Rua Passos Manuel, 41, 43

LISBOA

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

DEPURATIVO — O verdadeiro purificador do sangue e eliminador de todas as toxinas que envenenam o proprio sangue.

TONICOLINA — O maior desinfectante dos pulmões e o maior tonificador do organismo.

Farmacia Luso-Brazileira

PRAÇA DE S. PAULO, 21

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para brindes — Amendoa francesa — Fabrico esmerado de todos os artigos de confeitaria e pastelaria — Conservas de frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1267

39 — RUA PASCOAL DE MELO — 53

LISBOA

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA

TELEF. N. 908

AUTOMOVEIS "SUNBEAM"

GRAND PRIX DE FRANCE 1923

1.º, 2.º E 3.º PRÉMIOS

GRAND PRIX EUROPEU 1924

O circuito mais rapido e a maior velocidade registada pertenceram ao supremo «SUNBEAM»

GRAND PRIX DE ESPANHA 1924

Record da velocidade do Mundo batido em «Peudine Sands» a 146,16 milhas a hora. 1924.

AGENTE:

A. A. FELIX DA COSTA

AVENIDA DA LIBERDADE, 87-H, 87-I

LISBOA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

¡Sangre y Arena!

O notavel „sportsman" D. Antonio Cañero, actualmente entre nós, numa das elegantissimas atitudes da sua arte. Em colaboração com os prestimosos cavaleiros portugueses, Cañero tem proporcionado tardes da maior emoção aos aficionados do toureio, e a sua passagem por Lisboa, que fica assinalada, registamo-la com prazer.